

O QUE SE TRANSMITE NA ESCRITA DE FREUD?¹Vera Lúcia COLUCCI²

*Não apenas as mulheres são belas,
os preparados químicos também o podem ser.
Carta de Freud a Martha Bernays em 25/10/1883³*

Resumo: o que é que podemos dizer sobre o trabalho de teorização na psicanálise? Diferentemente do saber da ciência, que funciona de modo cumulativo, a psicanálise é um saber que se constitui do não saber inconsciente e, ao mesmo tempo, reconhece que está sob os efeitos de seu funcionamento. Minha hipótese é a de que o estudo dos textos de Freud pode lançar luz sobre o importante papel da escrita de Freud como constitutiva da sua invenção da psicanálise. Dado que o objeto da psicanálise não é passível de ser palpado e medido, minha intenção é flagrar na escrita de Freud o modo como ele tece a relação entre a estranha natureza de seu objeto de interesse e o modo possível de circunscrevê-lo. As elaborações de Lacan, a partir de Freud, de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e o laborioso desenrolar desta hipótese nos permitem correr o risco de afirmar que é na escrita de Freud que se dá a ver uma posição muito particular diante do funcionamento da língua e da linguagem. A transmissão deste saber é vazada na própria tentativa de circunscrever o impossível de ser dito.

Palavras-chave: Sigmund Freud; escrita; inconsciente

¹ Este artigo não fez parte da tese, embora o assunto seja correlato. Foi escrito em 2007 com auxílio do CNPq à época.

² Doutouranda em Linguística, grupo de pesquisa Outrarte/ IEL- Unicamp, sob orientação da Prof. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite. E-mail para contato: vcollucci@lexxa.com.br.

³ De modo bastante bem-humorado, Freud comenta com a noiva seu sucesso na descoberta da substância que permitiria o estudo laboratorial das células cerebrais. Ressalto o tom amoroso e sedutor da expressão. Mais adiante, na mesma carta, Freud relata: Fleischl ficou praticamente fora de si de alegria. Otimista como é, congratulou-me repetidamente e me aconselhou a concentrar-me na exploração dessa descoberta nos próximos sete anos. (FREUD 1982, p. 95). O ficar fora de si de alegria sem dúvida atinha também Freud, o mesmo autor que ressaltaria mais tarde o vínculo da curiosidade intelectual com a curiosidade sexual infantil.

Abstract: *what can be said of the work of theorization in psychoanalysis? The knowledge of science, which operates in a cumulative way, is different from psychoanalysis, which consists of unconscious not-knowing. In other words, psychoanalysts recognize that their field operates under the effects of the functioning of the unconscious. My hypothesis is that the study of Freud's texts can cast light on the important role of his writing as constitutive of his invention of psychoanalysis. Since the object of psychoanalysis can be neither felt nor measured, my intention here is to note, in Freud's writings, the manner in which he weaves the relationship between the strange nature of his object of interest and the possible way of circumscribing it. Based on Freud, Lacan held that the unconscious is structured like a language. The laborious development of this hypothesis lends us some security in stating that one can see in Freud's writing a very particular stance regarding the functioning of language. The transmission of this knowledge takes place in the very attempt at circumscribing what cannot be said.*

Keywords: *Sigmund Freud; writings; unconscious*

Cerca de dez anos após escrever *Um estudo autobiográfico*, que é de 1925, Freud agregou àquela comunicação um *Pós-escrito*. Com a distância que a passagem do tempo permite e retomando o assunto diante de uma nova publicação, Freud avaliava que eram dois os temas que ocupavam aquelas páginas de antes: *a história de minha vida e a história da psicanálise*. Dizia ele:

Esse estudo autobiográfico mostra como a psicanálise veio a ser todo o conteúdo de minha vida e com razão presume que minhas experiências pessoais não são de qualquer interesse ao se traçar um paralelo de minhas relações com aquela ciência. (Freud 1976, p. 89).

Ao atestar que aquelas histórias, a da psicanálise e a de sua vida, se achavam intimamente entrelaçadas, o inventor da psicanálise marcava também as distinções entre elas. Um modo claro de reapresentar o artigo no prefácio atualizado, mas com um dizer que ia se desdizendo. Freud referia-se às origens da invenção de um método de produção de conhecimento e saber, o teórico-clínico da psicanálise, colocando-o, paradoxalmente, ao lado do termo *biografia*. Para ele era da ordem de uma biografia a narrativa de como acontecimentos que o afetavam como “*observador do mundo*” – seja na prática da clínica, seja na vida pessoal – transmutavam-se em invenção de saber. Um saber calcado na vida, na experiência.

Título feliz – um / estudo / autobiográfico – no qual fica ressaltado que é *um*, ao lado de em seguida fazer a artimanha de nos colocar diante de uma ambigüidade: é estudo e é autobiografia. Freud sustentava que a história da invenção da psicanálise podia ser apresentada ao público como sendo também sua biografia. Porém, um alerta importante: não se tratava, de modo algum, dizia ele, de apresentar no artigo biográfico as *experiências pessoais* do autor.

Nesse vai e vem, o texto de Freud deixa-nos, antes de tudo, a exigir que se deslinde o modo fugidio de circunscrever essa sua narrativa.

SOBRE A TRANSMISSÃO E SUA ESTRUTURA

Na psicanálise usamos o termo transmissão para designar a passagem do saber psicanalítico de um para outros. Ele faz diferença com o termo que se liga à transmissão pedagógica, que visa à aprendizagem como efeito de métodos pedagógicos voltados à fixação de conhecimentos. A diferença radical entre um termo e outro está na consideração da estrutura do inconsciente como uma linguagem, constituinte e fundamento do funcionamento da verdade do sujeito. Para pensar a questão da transmissão, destaco alguns trabalhos publicados na *Revista do Encontro sobre transmissão da Psicanálise*, realizado em São Paulo, nos dias 26 e 27 de agosto de 2000, de circulação interna ao Movimento Psicanalítico d'Escola. Embora o tema predominante seja tratado em sua articulação com o dispositivo do *Passe na Escola*, os diferentes autores apresentam algumas referências de ordem mais geral e de ordem fundamental que nos permitem estender a reflexão. Tomarei como apoio os trabalhos de: Erik Porge – *Sobre a transmissão da Psicanálise*, o de Nina Virgínia de Araújo Leite – *O passe entre nós* e o de Viviane Veras – *O chiste da/na transmissão*.

Tanto Veras como Porge lembram em seus artigos que a transmissão da psicanálise deve reportar-se à transmissão na psicanálise. Para Porge todo o problema é o de articulação entre um modo e outro porque, diz ele, *estabelecer que as duas não têm*

relação é uma denegação, ou um recalçamento; talvez um desmentido e até, uma forclusão (PORGE 2000, p. 84).

Em *O passe entre nós*, Nina Leite destaca que *a condição própria à teorização em psicanálise é a de que se realize a partir daquilo que resiste à apreensão pelo saber* (Leite 2000, p. 93). Vem da experiência com o insubmisso à apreensão; vem do real: o motor do que inquieta movimenta e faz aparecer uma nova posição de sujeito. A autora chama a atenção para a qualidade de diferença entre um saber que se acumula e outro que se constitui de não saber inconsciente, de um saber que se refere ao sujeito dividido na articulação do real e do simbólico.

Leite considera ainda que a transmissão da experiência obriga à consideração do que seja o Outro, do que seja passagem do privado para o público quando este público se compõe pela presença de *mais alguns* (*idem*, p. 98).

Destaco de modo privilegiado o entendimento da transmissão como uma estrutura. Chamo especial atenção para a importância constituinte que o lugar do outro/Outro tem nessa estrutura. Cito Veras para essa acentuação: “Além da homogeneidade entre o modo de transmissão e o que se transmite, levando em conta os lugares em que o ensino se dá, [...] é preciso levar em conta o público, o modo como ele se conta naquilo que se transmite” (Veras, p. 47). Veras traz interessante aproximação da estrutura da transmissão com a estrutura do chiste, tomando o efeito no outro nessa formação do inconsciente como parte constitutiva; o riso, diz a autora seguindo Freud, faz o discernimento do que é um chiste. Veras acentua que o chiste não só dá conta da presença da matéria inconsciente, nos fala da criação, do inesperado, da surpresa. (Veras 2000, p. 46)

Por um outro ângulo, Porge também aproxima transmissão e estrutura do chiste, o ato e a temporalidade. Em seu artigo *Sobre a transmissão da Psicanálise* (2000), o autor entende que é inerente à transmissão da psicanálise refletir sobre a natureza do objeto que se transmite, no próprio tempo em que isso se produz. O retorno se impõe. Essa condição é de grande importância, visto que desloca a sobrevalorização do enunciado para o trabalho de um

sujeito. Há, diz ele, “na transmissão da psicanálise, outra coisa que não é o simples registro da passagem de um enunciado, mas um movimento de retorno sobre o que se transmite para apreender o lugar em que se situa o sujeito” (Porge 2000, p. 83).

Nessa acepção de transmissão, diz ele, “o sujeito faz a experiência da divisão em que o introduz seu ato, e isso faz parte do que há a transmitir” (Porge 2000, p. 90). E acrescenta relevante consideração sobre a estrutura do chiste e da transmissão:

Essas noções de ato e de sincronia se aproximam o mais possível da experiência do inconsciente, que é isso com o que a transmissão da psicanálise deve contar. Se um modelo deve ser tomado pelo passe, é precisamente esse do *trait d'esprit*, o *Witz*, que, contrariamente ao cômico, faz intervir a terceira pessoa, a *dritte Person*, em que, como diz Freud (p. 193), se cumpre a intenção do chiste. (Porge 2000, p. 90)

Colocando o texto de Porge em diálogo com o de Veras sobre o chiste, cito-a:

Quanto ao que no chiste se transmite, não se trata de um saber estabelecido, mas de um saber que se expõe à responsabilidade do outro, e exclui a observação exterior [...]. Assim, não tem em vista obter a adesão do público [...] mas apenas o reconhecimento-testemunho de um *Publikum*, que o constitua. [...] O trabalho do chiste exige o suplemento, traça-lhe um lugar em seu vir-a-ser, e, para que esse lugar leve ao reconhecimento de um desejo, exige, como diz Freud, *que outra pessoa tome parte no processo psíquico que ele suscitou*.⁴ (Veras 2000, pp. 47-48, grifo meu)

E assim ambos os textos se enlaçam com o de Leite, que nos alerta, como dito acima, para o lugar constitutivo do outro/Outro na transmissão de um saber.

Se esses são os matizes de referência teórica que compõem o fundo do quadro por onde me movimento, este trabalho tem um traço mais modesto: ele diz respeito a tomar a escrita de Freud como parte intrínseca a em seu modo de trabalho e indagar o que

⁴ Deveríamos entender assim o lugar de Fliess nos tempos de invenção da psicanálise? A figura necessária de Fliess a Freud – quer na troca de cartas, quer nos encontros pessoais – encontraria aí sua explicação mais apurada? Este é justamente o tema de minha tese de doutorado: *A escrita das cartas de Freud a Fliess e a invenção da psicanálise* (2010)

desse modo de trabalho se transmite, o que podemos dizer de seus efeitos, e o que se pode dizer de como isso se dá. Nessa medida, tanto importam as referências de Freud às dificuldades de seu trabalho de modo explícito, quanto a exposição das articulações e impasses de seu pensamento. Também interessa o modo como mapeia os caminhos percorridos para chegar a certa conclusão teórica. Importa ainda o modo como ele se refere à sua relação com o trabalho intelectual e o que da vida o contorna e é por ela atravessado. Esses movimentos, presentes na relação dialética do pensamento coma experiência, presentes na invenção teórica de Freud, aparecem em suas cartas e rascunhos dirigidos a Wilhelm Fliess (1986), seu interlocutor privilegiado. O que diferencia é que são enunciados para públicos diferentes. Os diferentes momentos e diferentes públicos destinatários só vêm a enriquecer a complexa trama por meio da qual, o leitor, colhe o método de trabalho de Freud. Mas interessa ainda mais considerar que algo se dá a saber no não-dito dessa leitura; não porque oculto, mas porque impossível de dizer.. O modo de trabalho intelectual ao qual me refiro diz respeito ao processo de trabalho do pensamento que é efeito da inquietude, de questões que contornam um real insubjugável, e do esforço – sempre falhado – de ajuizar e buscar significação.

A escrita é parte do processo desse modo de trabalho que se funda na experiência. Ambos são indissociáveis – a experiência e o trabalho com a escrita que visa a explicar o funcionamento do objeto são governados pelo desejo que causa. Interessa-me a escrita da psicanálise que joga o escritor *na* psicanálise, remetendo-o à própria análise. Borram-se, assim, as fronteiras que estabelecemos anteriormente, pois parece impossível, a partir de certo momento, manter o corte de discernimento, já que se trata de um saber necessariamente articulado ao saber inconsciente. A escrita assim experimentada expõe-se ao que faz furo e divide o sujeito: invade sua vida, produz sonhos, faz eclodir sintoma e outras formações. Ela força descobertas pontuais – florescências.

Tomo a reflexão sobre a teorização em psicanálise como paradigmática. A psicanálise é um saber que se alimenta da

experiência, e meu trabalho se interessa pelo achado intelectual que se dá na experiência de sua escrita.

Importantíssimo destacar o modo como Freud considera as dificuldades de seu leitor, situando-as como uma “inabilidade constitucional da humanidade para a investigação científica, pois o que as pessoas parecem exigir da psicologia não é o progresso do conhecimento, mas satisfações de algum outro tipo” (FREUD vol. XXII [1932-1936], 1976, p. 15). Vejamos abaixo, nas letras da escrita de Freud; deixo a citação em excesso, por ser bastante interessante, a comparação de sua psicologia com a astronomia:

Assim como as suas predecessoras, [estas conferências] oferecem ao analista profissional pouca coisa nova; são endereçadas à multidão de pessoas instruídas às quais talvez possamos atribuir um interesse benévolo, ainda que cauteloso, pelas características e descobertas da jovem ciência. Também desta vez, meu objetivo principal foi o de não fazer concessões que visassem a dar uma aparência de que as coisas são simples, completas, acabadas, procurei não camuflar problemas e não negar a existência de lacunas e de incertezas. Em nenhum campo de trabalho científico seria necessário proclamar tais intenções modestas. São universalmente consideradas evidentes por si mesmas; o público não espera nada diferente. Nenhum leitor de um artigo sobre astronomia se sentirá desapontado e desdenhoso em relação à ciência, quando lhe são mostradas aquelas fronteiras em que nosso conhecimento do universo se transforma em nebulosidade. Somente com a psicologia isto é diferente. Nesta, a inabilidade constitucional da humanidade para a investigação científica surge inteiramente à mostra. O que as pessoas parecem exigir da psicologia não é o progresso do conhecimento, mas satisfações de algum outro tipo; todo problema não resolvido, toda incerteza reconhecida é transformada em vitupério contra ela.

Todo aquele que zela pela ciência da vida mental deve aceitar também essas injustiças que a acompanham. Freud, Viena, verão de 1932. (Freud vol. XXII [1932-1936], 1976, p. 15)

A citação acima refere-se ao prefácio às *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, cuja publicação é contemporânea ao prefácio ao *Um estudo autobiográfico* (1935). Nela Freud diz de seu público, das dificuldades de nomear seu material e do modo de apresentá-las; fala também de sua posição ética frente às resistências de seu objeto. Encerro essa parte do trabalho com esta citação

por sua clareza em situar algumas dificuldades incontornáveis do objeto em questão e como isso conta na transmissão.

O APAGAMENTO DO SUJEITO E A TEORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Voltando ao texto de partida do presente artigo, o *Pós-escrito* (1935) a *Um estudo autobiográfico* (1925 [1924]), Freud nos fala que no momento em que escreveu o artigo foi presidido por dor e morte. Apartir de 1923 Freud enfrentara um incômodo tumor cancerígeno, do qual, ao contrário do que esperava, foi, segundo ele mesmo, salvo por uma cirurgia. Tomando esses acontecimentos como uma das balizas no tempo transcorrido entre a escrita do *Estudo* e o *Pós-escrito* à nova edição, Freud comenta sua vida de produção intelectual nesse breve pós-escrito. Conta que jamais deixou de se interessar pela teoria e pela clínica da psicanálise, como bem podia demonstrar a continuidade de suas publicações. Mas, aponta Freud, uma inflexão importante deveria ser reconhecida. Diz ele:

Eu próprio acho que se verificou importante mudança. Fios que no curso de meu desenvolvimento se haviam enredado começavam então a separar-se; interesses que eu adquirira num estágio avançado de minha vida ficaram para trás, enquanto os mais antigos e originais se tornaram proeminentes mais uma vez. [...] Essa circunstância está ligada com uma alteração em mim mesmo, com o que poderia ser descrito como uma fase de desenvolvimento regressivo. Meu interesse, após fazer um *détour* de uma vida inteira pelas ciências naturais, pela medicina e pela psicoterapia, voltou-se para os problemas culturais que há muito me haviam fascinado, quando eu era um jovem quase em idade suficiente para pensar. (Freud (1925 [1924]), 1976, p. 90)

Interessante revelação dos caminhos sinuosos pelos quais caminharam seus interesses, parecendo ele mesmo surpreso quanto ao que se enreda e se desenreda. Destaco, pelo valor dialético da experiência aí indicado pelo narrador Freud, a expressão *détour de uma vida inteira* e o assinalamento de que se voltara para os problemas que, como diz, “há muito haviam me fascinado, quando eu era um jovem quase em idade suficiente para pensar”.

Os problemas que ainda o interessavam datavam de um tempo longínquo e nada têm a ver com uma capacidade ‘desenvolvida’, ‘madura’, ‘suficientemente evoluída’ para o pensamento.

Diante do mencionado, reanima-se a questão que estrutura o presente trabalho : que saber é esse, o da psicanálise, que se deixa falar desse modo, um saber que se deixa dirigir por um desejo que insiste e força um retorno? Qual a sua relação com o método de trabalho intelectual em outros campos diferentes da psicanálise?

Levemos em conta que a relação de Freud com a literatura, e o fato de ter sido “reconhecido” como escritor de textos que se prestam à análise literária, à interpretação, aparece recorrentemente na literatura psicanalítica. Se percorremos com Haroldo de Campos (1998) as acepções do termo estilo, outros caminhos se abrem. Campos examina o deslizamento metonímico do termo estilo, o que nos permite acompanhar a recuperação de acepções que vão do instrumento escritural manual da escrita – o estilete que faz marca na tábua de cera – até a designação de estilo como a própria marca escritural do sujeito humano. Ele lembra que, para Lacan, o termo estilo faz referência ao resto da operação de divisão do sujeito, esse resto causa de desejo. Aqui, algo mais se imiscui na consideração do estilo: a divisão do sujeito e o desejo e, resto desta divisão. Em uma das suas considerações sobre a obra de Freud, Lacan refere-se a ela do modo abaixo, transcrito de “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. Diz Lacan:

A obra completa de Freud nos apresenta uma página de referências filológicas a cada três páginas, uma página de inferências lógicas a cada duas páginas e, por toda parte, uma apreensão dialética da experiência, vindo a analítica linguageira reforçar ainda mais suas proporções à medida que o inconsciente vai sendo mais diretamente implicado. [...] Nesse arriscar tudo de sua mensagem está a totalidade de sua descoberta. (Lacan 1998, p. 513)

Destaco, neste modo conciso e preciso de Lacan falar da obra de Freud, a relação com o trabalho com a língua, com a *analítica linguageira*, com a *lógica* e com a apreensão *dialética da experiência* psicanalítica. Estes aspectos são tomados por Lacan como os pilares sobre os quais se lança o ato de Freud *arriscar tudo da mensagem*.

A densidade desse parágrafo do texto de Lacan nos permite manter nossa hipótese acerca de um modo de Freud estar na língua, que, ao articular o real e o simbólico, produz uma invenção. O leitor, por seu retorno, revela o *arriscar tudo*. No caso acima, o leitor é Lacan, de quem bem conhecemos o risco.

Retomando o fio do texto de Freud é interessante notar que no *Pós-escrito* a que me referi no início deste artigo, Freud margeia um território que ele mesmo tratava de murar. Disse ele: “E nesse ponto seja-me permitido interromper estas notas autobiográficas. O público não tem o direito de saber mais sobre meus assuntos pessoais – minhas lutas, meus desapontamentos e meus êxitos” (Freud 1976, p. 91).

Sabendo bem que não se tratava apenas de *assuntos de ordem pessoal*, um verniz, acrescenta logo em seguida em tom de certo lamento:

Seja como for, tenho sido mais acessível e franco em alguns de meus escritos (tais como *A interpretação dos sonhos* e *A psicopatologia da vida cotidiana*) do que as pessoas que descrevem suas vidas em geral o são para seus contemporâneos ou para a posteridade. Poucos agradecimentos recebi nesse sentido e não posso recomendar a ninguém que siga meu exemplo. (Freud 1976, p. 91)

A biografia de que se trata não é a de uma apresentação descritiva dos acontecimentos e dos feitos de um homem a um público-platéia. Também não é narrativa de uma experiência que se expõe ao público como um dever dizer. Freud é, sem dúvida, um homem de ciência e é ao teorizar que fala de si. Trata-se de uma escrita que, visando a explicar, se expõe à verdade; escrita que permite o acesso a ela, contornando-a, inventa a psicanálise. Tão embrenhados estão esse modo de biografar-se e o modo de construção da psicanálise que o próprio Freud já o mostra ao articular a escrita do seu ensaio com o enfrentamento de sua doença, com a dor e a morte. Freud nos diz, como segue, que a continuidade de seu trabalho sofrera um giro: “Eu próprio, acho que se verificou importante mudança. Fios que no curso de meu desenvolvimento se haviam enredado começavam então a separar-

se.” Freud conta, como já lembrado, que houve uma alteração em si mesmo, acontecendo algo que poderia ser descrito como uma fase de desenvolvimento regressivo. (Freud 1976, p. 91)

Chamar de desenvolvimento o que é regressivo só é possível a partir do próprio saber criado por Freud, uma vez que, para ele, é no movimento regrediente que se dá a abertura para toda fonte causal, ou seja, para o infantil, o inconsciente. Em *A interpretação dos sonhos* (1900), o sentido regrediente explica os caminhos da transformação dos pensamentos da vigília para os pensamentos do sonho, que são em imagens.

Vale a pena recuperarmos algumas das passagens sobre como Freud nos fala do movimento regressivo para, nesse mesmo modo de dizer do aparelho psíquico, flagrarmos a posição de Freud frente ao seu modo de dizer do objeto que se esforça por cingir.

NO MOVIMENTO PARA TRÁS, PARA O ANTES, PARA A ORIGEM: UMA OUTRA CENA

O que busco está no Capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, *Parte (B)*, que se intitula *Regressão*. A leitura atenta desse capítulo pode leva-nos a flagrar como ele resulta da necessidade do pensamento de Freud de nomear algo que ele mesmo chama de *um fenômeno inexplicável*, que é a passagem dos pensamentos da vigília para os pensamentos do sonho.

Algumas assertivas precedem o que se impõe ao espírito: a de que o sonho é tido como realização de desejo e a de que a atividade do pensamento sofre um processo de transformação durante o sonho. Há também a afirmação de que no sonho um pensamento é representado como uma cena, e desse modo é experimentado (Freud 1976, p. 569/570). Desse platô de afirmações surge a pergunta de Freud que orienta sua investigação: “Como podemos então explicar esta peculiaridade característica da elaboração onírica ou, para colocar a questão de modo mais modesto, como encontraremos um lugar para ela no nexos dos processos psíquicos?” (Freud 1976, p. 570).

E prossegue, adicionando alguns elementos:

Se examinarmos o assunto mais de perto, observaremos que dois aspectos quase independentes ressaltam como característica da forma assumida por este sonho⁵. Um é o fato de ser o pensamento representado como uma situação imediata, com o ‘talvez’⁶ omitido, e o outro o fato de ser o pensamento em imagens visuais ou fala. (*idem*, p. 570)

Sonhos: imagens visuais ou fala. A temporalidade do desejo... os sonhos, tal como as fantasias conscientes ou devaneios, usam o tempo presente do mesmo modo. Esse tempo é aquele em que os desejos são representados como realizados⁷.

No esforço de construir uma explicação, um modo de compreender o processo de transformação dos pensamentos, e por descobrir que eles não são exclusivos do sonho, mas estão presentes também nos devaneios, nas alucinações, nos sintomas psiconeuróticos e em certas manifestações da saúde, Freud diz que, para chegar a uma compreensão dessa característica tão dominante dos sonhos, deverá “envolver-se numa discussão acerca dela que nos fará entrar em divagações” (Freud 1976, p. 571).

O alicerce do qual Freud parte é dado por aquilo que considera “a única hipótese que torna inteligíveis as particularidades especiais da vida onírica” (*idem*, p. 572), que é a de Fechner. Ela estabelece que “a cena de ação dos sonhos é diferente daquela da vida ideacional de vigília”. Falar de cena leva Freud a tecer considerações sobre a *localização psíquica* do funcionamento mental.

⁵ Trata-se do sonho do “pai, não vê que estou queimando?”, que se encontra logo no início do Capítulo VII de A interpretação do sonho. Freud conta que esse é, de fato, o sonho de um sonho que uma paciente havia ouvido e acabara sonhando com ele. No sonho, um pai que havia cuidado de um filho doente dias a fio vai descansar após a morte do garoto e deixa aberta a porta do quarto, para poder vigiar o lugar em que jazia o filho, cercado de velas e vigiado por um velho que rezava. Enquanto dormia, o pai sonhou que o filho estava ao lado de sua cama, segurava-o pelo braço e sussurrava em tom de censura: “Pai, não vê que estou queimando?” Ele acorda, vê um clarão, corre e descobre que o velho havia dormido e que uma vela acesa havia caído sobre o braço do filho, que estava queimando.

⁶ O “talvez” aparece no texto quando Freud conjectura sobre possíveis interpretações para o fato de o sonho ser realização de desejo. O talvez é, ao mesmo tempo, indício de dúvida, de ponderação, de reflexão.

⁷ “Mas, os sonhos diferem dos devaneios por sua segunda característica, ou seja, no fato de seu conteúdo ideacional ser transformado de pensamento em imagens sensoriais a que se dá crédito e que parecem ser experimentados” (Freud 1976, p. 571).

Neste parágrafo (e em alguns outros que o seguem) vale a pena nos demorarmos um tanto mais, e passo a tomar esses textos de saber em psicanálise como paradigmáticos do que pretendo colher acerca da transmissão de Freud.⁸

Preocupado em dar uma representação e uma localização para o “instrumento que executa nossas funções mentais”, Freud escreve com um esquema o que seria um aparelho mental, dizendo-o assemelhado a um microscópio ou um aparelho fotográfico e “algo desse tipo” (*u.dgl.* conforme a edição alemã). Os instrumentos a que se refere são conhecidos na vida cotidiana de quaisquer de seus leitores – *é algo desse tipo*, diz ele fazendo referência a objetos comuns que sustentam a semelhança de uma estrutura de aparelho de imagem e memória. Chamo a atenção para o fato de Freud deixar vaziar aí algo que escapa ao dizer. A expressão *algo desse tipo* deixa transparecer que se trata de uma aproximação. Essa expressão fura inteira e inequivocamente um texto que se coloque na posição de apreender de modo exato, científica e academicamente qualquer fenômeno. O *algo desse tipo* deixa cair certo desprezo por esse mesmo esforço de aproximação, certa desistência, e talvez cinismo, diante de uma pretensão fadada ao fracasso e que se sustenta em uma solidez que é pura fachada discursiva.

Na seqüência, Freud anuncia que usará de um método que chama de “dissecação da função e da atribuição de seus diferentes constituintes a partes componentes diferentes do aparelho” (Freud [1900], 1976, p. 572). Como me referi anteriormente, esse parágrafo dedica-se ao exame e à determinação da *localização psíquica*, uma vez que Freud concorda com Fechner que se trata do sonho como cena. Sem dúvida, trata-se de uma estranha maneira de nomear um método: o da dissecação da função, e a partir daí erguer um *aparelho* que sustente esse funcionamento. Ora, mas não se trata de dissecação no sentido da pesquisa médica – prática a que Freud se dedicara por tantos anos em seus tempos de

⁸ Para a realização da análise que se segue é preciso dizer da importância das aulas dadas pela Prof. Dra. Maria Rita Salzano de Moraes, no Instituto de estudos da linguagem, IEL-Unicamp. O material cuidadosamente preparado e distribuído pela professora foi fundamental para minha leitura do texto de Freud.

pesquisador em neurofisiologia –, dissecação de um corpo ou de matéria orgânica. Crítico das pesquisas que buscavam localização cerebral das afasias em partes lesionadas do cérebro, Freud ‘diverte-nos’ com a palavra. Empregando-a de modo analógico, produz um efeito renovado e talvez irônico, pois, o que ele pretende *dissecar* é um *ponto ideal*, onde nada é tangível.

Para recorrer a esse modo de expor seu pensamento, Freud revela-nos que está autorizando-se a “dar rédea livre a suas especulações” enquanto, ao mesmo tempo, retém a frieza do juízo e cuida para não tomar “os andaimes pelo edifício”. Autoriza-se reconhecendo que é *primeira abordagem a algo desconhecido*. Para tanto, diz ele: “tudo de que precisamos é o auxílio de idéias provisórias, darei preferência, da primeira vez, a hipóteses da mais grosseira e mais concreta descrição” (Freud 1976, p. 572-573).

Freud explicita seu método de exposição escrita e traz o leitor para perto de seus passos, torna-o seu acompanhante, sob certo tom de regra cartesiana, para o pensamento que ajuíza. Enfrentando a dificuldade de seu propósito barrado pela impossibilidade de cingir de compreensão o inexplicável, o intangível, Freud toma posição diante da natureza de seu objeto e segue em frente. Admite que tangerá seu objeto com expressões como as que registramos acima acerca da analogia criada para descrever o aparelho psíquico: *é algo desse tipo*, um modo de se referir a algo que não se deixa dizer. E para apreender essas passagens de Freud não bastam leituras atentas; é preciso que as passagens saltem e tomem o leitor para a cena das entrelinhas. Entrelinhas porque sempre resta algo do não-dito no dito.

Desta leitura pode-se dizer que as passagens no texto permitem apontar uma posição de Freud frente à língua e à linguagem, uma posição que leva em conta o tecido frágil da língua e as ilusões e fracassos que seu exercício nos prepara.

FALANDO SÉRIO...

Na seqüência do mesmo parágrafo acompanhamos a escrita de Freud que passa, então, a descrever um aparelho psíquico que contém as passagens de transformação das impressões vívidas para idéias complexas. Freud fala em barreiras de resistência,

em censura, em traços de memória, em caminhos facilitadores. A questão da temporalidade é bastante ressaltada por ele: os sistemas têm uma seqüência temporal e as percepções acham-se mutuamente ligadas, devido a “algo mais do que o simples conteúdo das percepções”, isto é, pela simultaneidade de suas ocorrências, por associação (Freud 1976, p. 575). Poderá dar-se também, segundo Freud, a associação por co-incidência na similaridade. A temporalidade é a do desejo.

Mas o encadeamento que escrevi acima não pode deixar de lado o tropeço diante da resistência de seu objeto de estudo. Freud desliza:

Naturalmente seria perda de tempo tentar colocar a significação psíquica de um sistema desta espécie em palavras. O seu caráter residiria nos pormenores íntimos de suas relações com os diferentes elementos da matéria-prima da memória” (Freud 1976, p. 575).

Mesmo alertando para uma *perda de tempo*, Freud perde seu tempo e continua adiante pondo em palavras o que escapa a elas, o que não se deixa apreender: as lembranças são em si mesmas inconscientes – as lembranças são dos traços que causaram maior impressão em nós – são as da primeira infância, as que dificilmente se tornam conscientes. Se as lembranças se tornam mais uma vez conscientes, não exibem qualidade sensória, ou apresentam uma qualidade muito leve, em confronto com as percepções (Freud 1976, p. 576).

Mas, se lembranças são inconscientes, se são marcas perdidas, como é que voltam a se apresentar? Uma coisa é reconhecida como uma coisa e é outra? Está aqui e está acolá? O leitor não agarra o texto freudiano, a coisa escapa: o lugar de surgimento de uma das etapas preliminares de uma imagem é um “ponto ideal, situado em regiões nas quais não se acha situado nenhum componente tangível do aparelho”, diz ele à página 572 da mesma edição de *A interpretação dos sonhos* em consulta. E prossegue sob o registro do que o autoriza:

Não vejo necessidade para desculpar-me pelas imperfeições desta ou de qualquer imagem semelhante. Analogias desta espécie des-

tinam-se a apenas auxiliar nossos esforços em tornar inteligíveis as complicações do funcionamento mental, através da dissecação da função e da atribuição de seus diferentes constituintes a partes do aparelho. (Freud 1976, p. 572)

Freud traz o leitor para os territórios por onde se aventura. Não desiste frente ao que resiste e leva o leitor consigo.

Vejam os outros exemplos, agora sobre o termo *regressivo*. Freud justifica o uso do nome: “Acredito que o nome “regressão” é-nos útil até onde ele liga um fato que já nos era conhecido com nosso quadro esquemático, no qual o aparelho mental recebeu um sentido ou direção” (idem, p. 580). A exigência de seu pensamento se explicitara em parágrafo anterior – ele quer descrever o que acontece:

A única maneira pela qual podemos descrever o que acontece nos sonhos alucinatórios é dizendo que a excitação se movimenta numa direção *para trás*. Em vez de ser transmitida na direção da *extremidade motora* do aparelho, ela se movimenta no sentido da *extremidade sensória* e atinge finalmente o *sistema perceptivo*. (Freud 1976, p. 578-579, grifos nossos)

E continua mais adiante:

A rememoração intencional de outros processos constituintes de nosso pensamento normal envolvem um *movimento retrocedente* do aparelho psíquico, de um ato ideacional complexo para a matéria prima dos traços de memória subjacentes a ele. No estado de vigília, contudo, este movimento para trás nunca se estende além das imagens mnemônicas, ele não consegue produzir uma revivificação alucinatória das *imagens perceptuais*. (idem, p. 579, grifos nossos)

Puro esforço de hipóteses e argumentos para dar conta da noção. Todavia, Freud esvazia esse esforço levando-o à derrocada logo em seguida. Diz com todas as letras que não devemos iludir-nos, não devemos exagerar a importância de sua teorização sobre a regressão, pois: “não fizemos mais do que dar uma designação a um fenômeno inexplicável” (idem, p. 580).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título do ‘relatório’ sobre o desenvolvimento das idéias da psicanálise só poderia ser o de um estudo autobiográfico, como o chamou Freud.. Nele o caminho traçado pelo contraste entre o cientista que lida com a formalização e o artífice submetido à matéria estão Freud e a psicanálise. Entre os recursos lingüísticos, lógicos e de estilo, há no fundamento da escrita de Freud uma posição que não desconhece o real, antes o circunda decisivamente. Uma posição poética que tem a ver com a ética e com a verdade que os efeitos de uma escrita (re)velam: a morte / a queda do sujeito e o que daí se edifica. Essa é, creio, um aspecto da transmissão que a obra de Freud nos lega.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, H. “O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua – Freud, Lacan e a escritura”, *in: Correio, Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 18/19. Jan.1998.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900-1901), *in:* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. *Um estudo autobiográfico* (1925 [1924]), *in:* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. *Novas Conferências Introdutórias* (1932-1936), *in:* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. *Correspondência de amor e outras cartas* (1873-1939), edição preparada por Ernest L. Freud. Tradução de Agenor Soares dos Santos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- LACAN, J. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, *in: Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- LACAN, J. (1971-1972) *Seminário, 1971-1972: o saber do psicanalista*.
Publicação interna. Recife, 1997.
- LEITE, N. “O passe entre nós”, *in: Revista do encontro sobre transmissão da psicanálise*. Circulação interna. São Paulo, agosto de 2000.
- MASSON, J.M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para William Fliess*.
1887-1904. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MORAES, Maria Rita Salzano. Material impresso do curso sobre o artigo de
FREUD, S.: *Projeto de uma Psicologia para o neurólogo* (1895),
na disciplina LP 213 - Tópicos em segunda língua/língua estrangeira I.
Primeiro Semestre de 2008.
- PORGE, E. “Sobre a transmissão da Psicanálise”, *in: Revista do encontro sobre transmissão da psicanálise*. Circulação interna. São Paulo, agosto de 2000.
- VERAS, V. “O chiste da/na transmissão”, *in: Revista do encontro sobre transmissão da psicanálise*. Circulação interna. São Paulo, agosto de 2000.
- VILTARD, M. “Os públicos de Freud”, *in: Literal*, vol. 4, pp. 181-196, 2001.